

Características sócio-espaciais de uma clientela do ensino supletivo

Maria Francisca Thereza Cardoso

Geógrafa do IBGE

O objetivo desta pesquisa é verificar qual o significado do espaço concreto do município do Rio de Janeiro para grupos pressupostamente considerados homogeneizados pela recorrência a um meio de consumo coletivo — o ensino supletivo.

Assume-se que o ensino supletivo atende a uma população homogênea quanto ao nível de renda, uma vez que caracterizada pelos baixos níveis de rendimentos. Assume-se também que diferenciação no âmbito da clientela do supletivo emergem a partir do fato de que o espaço urbano carioca é diferenciado e as escolas e seus alunos são, de certo modo, reflexos do conteúdo social do bairro. Em outros termos, o presente estudo procura verificar na “população” do supletivo,

aqui selecionada para análise, as características comuns e as variações que apresenta, procurando relacioná-las com o local no qual a escola está situada.

1 — O ENSINO SUPLETIVO

O ensino supletivo “pretende suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não a tenham seguido ou concluído na idade própria” (Parecer 09/76 da Câmara de Ensino Supletivo). Uma de suas modalidades, a suplência (escolarização intensiva) e mais especificamente o segundo estágio do 1.º grau servirá de veículo através do qual analisar-se-á uma parcela da população de baixa renda

residente no município do Rio de Janeiro.

Partiu-se do pressuposto de os alunos do supletivo constituírem, em geral, uma população carente, o que transparece com maior ou menor nitidez em algumas situações possíveis de serem encontradas:

1) alunos menores (menos de 18 anos):

a) estudam à noite e trabalham durante o dia (ingressos precoces no mercado de trabalho);

b) estudam à noite mas não trabalham durante o dia;

b₁ — passaram da idade de frequentar o diurno;

b₂ — não precisam trabalhar, mas seus responsáveis não podem arcar com as despesas do colégio particular;

b₃ — outras razões: alunos deficientes quanto ao nível intelectual, acham mais “fácil” o curso noturno, etc.;

2) alunos maiores (18 anos ou mais):

a) ingressaram precocemente no mercado de trabalho, paralisaram os estudos e agora retornam;

b) interrupção dos estudos por motivos variados, tais como casamento (neste caso, as do sexo feminino), doenças, viagens, etc.;

c) falta de oportunidade para estudo no lugar de origem — caso dos migrantes (estes são numerosos no supletivo);

d) não pretendiam estudar mais, pois já haviam obtido o certificado do primário. A Reforma do Ensino de 1971, pela Lei 5 692, com a obrigatoriedade do ensino do 1.º grau (corresponde à fusão do primário com o ginásio), fez com que muitas

empresas passassem a exigir de seus empregados o certificado do 1.º grau.

Como é bastante difundido e aceito o fato de que o baixo salário revela, na maioria das vezes, grau de escolarização baixo — a nível do indivíduo a influência da escolaridade sobre os rendimentos do trabalho parece desfrutar de razoável consenso — inverteu-se, aqui, a premissa, pressupondo-se que o baixo nível de escolarização refletiria também carência econômica da população.

Ao ingressar no mercado de trabalho, sendo baixo o grau de escolaridade, o nível de rendimento auferido será, via de regra, pequeno. Por isso, considera-se carente a população a ser pesquisada. Milton da Mata¹ coloca bem tal relação: “A escolaridade de um indivíduo influencia seu nível de rendimento por duas razões distintas: por um lado, a obtenção de determinado limite de escolaridade tem o papel de credencial mínimo para atingir determinado posto, atribuindo-se uma remuneração razoavelmente constante a cada posto; por outro, acredita-se que o aumento da escolaridade tem o efeito de melhorar a capacidade produtiva do indivíduo, tornando-o mais apto a absorver técnicas e conhecimentos novos. Desta forma, deve haver uma firme relação entre escolaridade e qualificação profissional e entre esta e nível de remuneração”.

2 — A DIMENSÃO ESPACIAL

Segundo Milton Santos², a sociedade se transforma em espaço, em benefício de alguns e em detrimento da maioria; ao atribuir ao

¹ Mata, Milton — “Concentração de renda, desemprego e pobreza no Brasil: Análise de uma amostra de município em 1970”, p. 117.

² Santos, Milton — “Por uma nova Geografia: da crítica da geografia a uma geografia crítica”, p. 213.

espaço um valor comercial o que faz é separar os homens entre si, pois “o espaço mercadoria vai aos consumidores como uma função de seu poder de compra”.

Como as “populações” aqui analisadas, consideradas até certo ponto homogêneas pela recorrência ao ensino supletivo, freqüentam escolas localizadas em diferentes espaços da cidade, interessa saber que relações existem entre essa localização e possíveis diferenças na composição, na estrutura e no comportamento dessas populações. Isto porque quando se faz referência à diversificação espacial das escolas, o espaço referido reveste-se de um sentido amplo, abrangente, em suas dimensões ecológica, social e econômica, tendo-se em mente que esse espaço assim compreendido acha-se em contínuo reajustamento sob as diversas conjunturas e, por sua vez, exercendo sua influência sobre as mesmas.

Pressupõe-se que os diferentes espaços do município do Rio de Janeiro nos quais as escolas do supletivo aqui analisadas estão inseridas, por apresentarem conteúdos sócio-econômicos diversos, apresentam, conseqüentemente, diferentes tipos de clientela não só no que se refere ao local de moradia, acessibilidade quanto a bens e serviços, atividades e locais de lazer dos alunos, mas também quanto aos próprios lugares de nascimento dos mesmos — se naturais do município ou não, se migrantes recentes ou radicados desde há mais tempo, à atividade profissional do aluno e/ou do responsável e ao nível de escolaridade dos responsáveis. Acrescentem-se, ainda, as grandes diversificações quanto aos sexos e também quanto às faixas etárias, dadas as características do supletivo que abriga tanto o aluno menor que trabalha durante o dia

como o adulto que retorna aos estudos depois de curta ou longa interrupção.

Conforme Samper German³ explicita, cada habitante urbano encontra seu lugar na cidade de acordo com suas possibilidades econômicas, seu universo cultural, seu padrão de vida, seus hábitos sociais; assim, a cidade terá que refletir fisicamente essa situação. A vida de cada um se desenvolve em certo meio físico, social e econômico determinado pela classe social a que se pertence, podendo ou não haver uma concordância entre as características do espaço físico que se habita e o meio sócio-econômico em que se vive. Muito freqüentemente existe em um mesmo espaço físico, a superposição de dois “mundos” que se diferenciam pela acessibilidade de seus habitantes no que se refere a bens e serviços. Neste caso, em um mesmo espaço físico há superposição de dois ou mais “espaços” sócio-econômicos. Assim, cada porção do espaço vê-se afetado não só pela posição em face das outras diversas partes como também pela situação sócio-econômica do indivíduo ou do grupo.

No caso dos países em desenvolvimento, de modo especial, as grandes disparidades de renda fazem variar em muito as possibilidades sociais dos indivíduos, o que se reflete sensivelmente no espaço. Muitos são, então, relegados a uma situação periférica. Santos⁴ ressalta que “em termos geográficos, a periferia não será definida pela distância física entre um pólo e as zonas tributárias, mas antes em termos de acessibilidade, que depende da existência de vias e meios de transportes e da possibilidade efetiva de sua utilização pelo indivíduo, com o objetivo de satisfazer necessidades reais ou sentidas como tais”. Assim, ainda com

³ German, Samper — “Melhoria para a qualidade de vida nas favelas urbanas”, p. 66.

⁴ Santos, Milton — *Espaço Dividido*, p. 229.

Santos, a incapacidade de acesso aos bens e serviços é, em si mesma, um dado suficiente para repelir o indivíduo a uma situação periférica (acessibilidade física e financeira dos indivíduos aos serviços e bens desejados).

Conclui-se que, embora vivendo em um mesmo espaço, os diferentes habitantes de uma cidade desfrutam de maneira bastante heterogênea de tudo aquilo que ela proporciona, visto a vida de cada um desenvolver-se em determinado meio social.

Questionando-se, agora, como se comporta o espaço relativamente a estas diferenças sociais, pressupõe-se uma correlação positiva entre *status* sócio-econômico e mobilidade espacial. Deste modo, a população de médio e alto *status* sócio-econômicos possuiria grande mobilidade espacial, a de baixo *status* sócio-econômico, reduzida mobilidade. Atente-se para o fato de que não se trata pura e simplesmente da mobilidade encarada sob o ângulo de um só indicador, como, por exemplo, o deslocamento efetuado diariamente em direção ao "trabalho" (movimento pendular), pois isto levaria a crer que a população mais carente, geralmente morando em áreas mais afastadas, seria aquela a apresentar maior mobilidade. O sentido é muito mais abrangente. Da mesma maneira que, em se considerando um sistema de cidades, enquanto a população de médio e alto *status* sócio-econômicos pode se deslocar para localidades centrais de maior nível hierárquico, onde são oferecidos bens e serviços de menor frequência de consumo, mais caros e certamente de melhor qualidade, a população de baixo *status* tem seu consumo limitado aos bens e serviços localmente oferecidos no interior de um centro

urbano: o espaço reduz-se para aqueles que dispõem de recursos mais escassos. Cada indivíduo, cada grupo, portanto, possui a sua escala espacial. "A Geografia do comportamento se fundamenta no princípio mesmo da existência de uma escala espacial própria a cada indivíduo e também de um significado particular para cada homem de porções do espaço que lhe é dado frequentar, não apenas em sua vida cotidiana mas ainda durante lapsos de tempo mais importantes".⁵

Daí se chega à necessidade de se procurar compreender o espaço "vivido" de cada um ou de cada grupo, pois o homem frequentemente atribui a esse dimensões correspondentes àquelas de seu próprio estilo de vida. Segundo Pierre George,⁶ a forma elementar de percepção do espaço é a familiaridade com o meio de existência. Neste particular, um grande contraste é observado entre as sociedades industriais e as pré-industriais. O espaço urbano é espaço complexo, possui características comuns, mas se fragmenta em espaços funcionais. Assim, para quem vive hoje em dia nas grandes cidades, o espaço "vivido" torna-se extremamente complexo, pois a distinção entre locais de atividade, de moradia, de lazer amplia a noção de espaço "vivido". Este também se expande através dos contactos ocasionais ou periódicos mantidos com outros espaços que não o habitual — deslocamentos cíclicos ou sazonais ligados aos negócios ou ao lazer. Passa-se, quase sem o perceber, da noção de espaço de localização para o de espaço de relação. Na presente pesquisa, compreende-se o espaço de localização como o de moradia, englobando o espaço de relação todos aqueles outros para onde o indivíduo se desloca,

⁵ Santos, Milton — "Por uma nova geografia: da crítica da geografia a uma geografia crítica", p. 67.

⁶ George, Pierre — *Sociologia e Geografia*, p. 35/45.

o da atividade profissional, escolar, lazer e aqueles visitados periódica ou ocasionalmente. Chama-se atenção para o fato de poder ocorrer superposição dos espaços de moradia, das atividades profissional e escolar, de lazer. Em uma cidade grande, à semelhança de um sistema de cidades, o espaço de localização passa a se constituir muitas vezes em elementos menos importantes que o espaço de relação.

É preciso ressaltar que o denominado espaço de relação varia de tamanho para cada grupo de idade, sexo, classe social, podendo para alguns se confundir com o próprio espaço de localização. Para a classe mais carente de recursos e mais discriminada ele se reduz de muito. Na medida em que o acesso aos recursos sócio-econômicos se amplia, as possibilidades de multiplicar o espaço "vivido" aumentam, desde que, como já foi visto anteriormente, a medida do espaço varia em função dos grupos sociais que o utilizam. Deste modo, o espaço de relação varia em dimensão de acordo com o nível social e, conseqüentemente, do nível econômico dos indivíduos. Os vínculos com o espaço de localização se tornam cada vez mais tênues à medida que os recursos econômicos se tornam mais desenvolvidos e diversificados. Um parêntese aqui permite ressaltar que a distinção entre local de atividade profissional e local de moradia amplia a noção de espaço "vivido". Mesmo constatando-se que pode inexistir um "domínio" efetivo do espaço percorrido por parte de um indivíduo que trabalhe a muitos quilômetros de sua residência, o seu espaço físico não deixa de se ampliar, ocorrendo um conhecimento "ilhado" do espaço. Certas atividades profissionais, no entanto, possibilitam, pela própria natureza das tarefas a elas relacionadas, um maior contacto com o espaço.

Assim, o espaço físico pode ser o mesmo, mas se fragmenta em espa-

ços funcionais, cada um tendo sua própria significação que varia de acordo com os grupos sociais. Chama-se atenção para este fato, pois embora possam ser os mesmos os locais que diária ou semanalmente dois indivíduos percorrem, eles desempenharão papel diferente para cada um, de acordo com o significado funcional que venham a ter. A percepção daquele espaço será diferente para cada um. Na presente pesquisa, por exemplo, bem diferente é significado do subúrbio e zona sul para um indivíduo que reside, estuda e se diverte no primeiro e trabalha no segundo e para outro que mora, estuda e se diverte na zona sul e trabalha no subúrbio.

3 — A PESQUISA: PROPOSIÇÕES E TÉCNICAS

A pesquisa foi realizada em três escolas supletivas da rede oficial do município do Rio de Janeiro, localizadas respectivamente em Ipanema, na Penha e em Cosmos.

Tais escolas foram selecionadas desde que demonstraram satisfazer a certos requisitos. Além de pertencerem à rede oficial — e isto era indispensável, pois, ao se pressupor uma população pobre (classe baixa e classe média baixa), tornava-se necessária a ausência de anuidades nas escolas — diferenciam-se substancialmente quanto ao espaço no qual se inserem: zona sul, zona norte suburbana e zona oeste do Município do Rio de Janeiro.

Alguns questionamentos relativos ao espaço estiveram presentes durante a pesquisa, pois havia interesse em saber se o espaço vivido é semelhante, em termos de amplitude, para as clientelas de todas as escolas ou, se de acordo com a localização das mesmas, passa a haver uma maior "redução" ou "dilatação" do espaço cotidiano. Uma dis-

tinção entre espaço de localização e espaço de relação será viável ou esses dois “espaços” se confundem? O espaço é homogêneo para toda a clientela de um mesmo estabelecimento ou ele varia no âmbito de uma mesma escola e, neste caso, o que estará causando tal variação? O maior ou menor deslocamento de alguns dos pesquisados, no que tange ao circuito residência — trabalho — escola — lazer significa algo? Ou a ampliação do espaço em termos de fricção espacial nada representa? As populações refletem o espaço no qual se movimentam ou parecem ser como que “postigas” àquele espaço?

A técnica de pesquisa adotada foi o uso de questionários, respondidos pelos próprios alunos, pesquisa direta por conseguinte. Nos estabelecimentos escolares pesquisados optou-se pelas fases VII e VIII, pressupondo-se que os alunos dessas fases já estariam mais aptos a responder convenientemente ao questionário. Em princípio ficou estabelecido que os questionários seriam aplicados nas sétimas e oitavas fases, totalizando uma média de setenta questionários por escola (trinta e cinco alunos de cada fase); pequenas modificações, no entanto, tiveram que ser introduzidas, dadas as situações específicas deparadas nas escolas nos dias da pesquisa. A primeira delas foi no estabelecimento escolar de Cosmos, onde os questionários, diferentemente das outras duas escolas, foram aplicados nas fases VI e VIII. O número de questionários aplicados sofreu também pequenas variações, dada a ausência de alguns alunos à escola no dia da realização da pesquisa. Assim, responderam ao questionário: em Ipanema, 67 alunos, na Penha, 68 alunos e em Cosmos, 60 alunos.

Quanto às perguntas formuladas, a maioria delas foi “aberta”, uma vez que interessava bastante o “discurso” daquele que as res-

pondia. Na escola de Ipanema foi realizado um pré-teste, com o intuito de verificar o bom entendimento das perguntas formuladas. Estas versaram sobre características pessoais (sexo, idade, estado civil), procedência (município, estado, zona rural ou urbana, idade da migração, no caso de ser migrante, objetivos da migração), local de residência e condições de moradia (a atual, a anterior e as aspirações quanto a uma futura moradia), atividade profissional (várias especificações), como vem ocorrendo a sua escolarização, atividades e locais de lazer, escolaridade e atividade profissional dos pais e/ou responsáveis.

O espaço de localização da moradia se constitui em elemento fundamental para aferir o espaço vivido; o espaço que se habita, assim também como o tipo de moradia, vê-se fortemente influenciado pelo nível de rendimento do indivíduo ou, na maioria das vezes, pela própria renda familiar. Na classe de renda baixa, na qual a “população” pesquisada está incluída, onde a principal fonte de renda é o trabalho autônomo e/ou assalariado sem vínculo empregatício, o nível de rendimento do indivíduo passa a ser menos valorizado do que a renda familiar. O crescimento da cidade agrava problemas que afetam diretamente as condições de moradia, principalmente da população mais carente de recursos. Aqueles que dispõem de menores rendimentos são forçados a procurar ou áreas mais distantes do Centro ou pequenas áreas enclausuradas nos espaços mais valorizados, as favelas e as áreas de obsolescência.

A inclusão da procedência do aluno, isto é, seu município e estado de origem, assim como outras especificações, no caso de ele ser migrante, é devido ao conhecimento que se tem do supletivo como grande receptor de alunos migrantes. Estes, ao chegarem, colocam

muitas vezes em suas cogitações o “iniciar” ou o “continuar” os seus estudos de 1.º grau pelas próprias exigências de um futuro emprego. O Rio de Janeiro, mesmo depois que deixou de ser a capital federal, continua a atrair muitos migrantes, isto porque, segundo Mata,⁷ “a proporção de migrantes na população de um município é, em princípio, um reflexo das condições da procura de mão-de-obra num passado recente, assim como também do diferencial de salários existentes entre este município e outros destinos alternativos”. Mas o migrante, ao chegar à cidade grande, geralmente sem qualificação profissional nem intelectual, raramente consegue logo se empregar. Quase sempre ele primeiro engrossa as fileiras dos subempregados. Tolosa⁸ opina que “nos países em desenvolvimento a disseminação do subemprego é indício de que o nível da demanda de mão-de-obra é inadequado para absorver as pressões do lado da oferta, devido principalmente às migrações internas”. Carente de recursos, o migrante recente ou se enquista nas áreas de obsolescência próximas ao centro—favelas, casas de moradia coletiva, em função do fator distância e principalmente relacionado aos custos do deslocamento pendular, ou se afasta do mesmo, indo residir em áreas mais distantes, onde a dificuldade de acesso torna menos onerosos os custos de moradia.

A mão-de-obra semiqualficada ou qualificada, migrante ou não, que não procura apenas se localizar próximo às áreas residenciais de renda alta (Leblon, Copacabana, Tijuca), tende também a ocupar espaços próximos a grandes centros geradores de emprego nos setores secundário e terciário da Zona Norte, Méier, Ramos, Madu-

reira, etc. No caso do elemento feminino, sem qualificação e que migra só, também é comum empregar-se como “doméstica” nos diversos bairros da cidade, mas com intensidade maior nos da Zona Sul, passando a usufruir de um local de moradia não condizente com o seu nível de rendimentos. Outras vezes, mesmo que a família tenha também emigrado, mas tenha se localizado em áreas mais distantes, ela permanece no emprego durante a mesma, somente se deslocando até a casa de seus familiares nos fins de semana. Segundo Kowarick,⁹ “os serviços domésticos remunerados representam parcela significativa das pessoas ocupadas no ramo da prestação de serviços. É constituída majoritariamente por mulheres e representa a principal forma de atividade remunerada para a mão-de-obra feminina”. . . “constituem-se na contrapartida feminina do setor de construção civil, funcionando da mesma forma que este o faz para o segmento de mão-de-obra masculina de mais baixa qualificação, ou seja, como válvula de descompressão”. Mais ainda que outros serviços, acolhe grande número de recém-chegados à cidade.

Como a “ocupação” costuma servir de parâmetro para indicar a posição social dos indivíduos, será bom ter em mente que, ao nascer, cada pessoa se insere em determinado meio sócio-econômico. A posição social herdada dos pais ou de quem os substitui, através da qualidade do meio social e econômico institucional em que o indivíduo vive os primeiros anos de vida, tende a desempenhar papel considerável por ocasião do ingresso do indivíduo no mercado de trabalho. Isto porque quando alguém pretende ou precisa trabalhar, os parentes e conheci-

⁷ Mata, Milton — op. cit. p. 91.

⁸ Tolosa, Hamilton C. — “Dimensões e Causas da Pobreza Urbana”, p. 164.

⁹ Kowarick, Lúcio — *Capitalismo e Marginalidade na América Latina*, p. 166.

dos de seu ambiente social são, sem dúvida, as principais conexões através das quais o indivíduo se encaixa a esta ou àquela atividade. Mais tarde, o próprio indivíduo deverá ter maior autonomia na escolha, pois já criou também as suas próprias conexões.

Quando o nível de qualificação ou preparo cultural e profissional é pequeno ou mesmo ausente, costumam as pessoas se engajar no setor terciário da economia. Este, se, por um lado, abriga atividades que exigem altíssimo grau de especialização, por outro, abrange uma gama variadíssima de serviços de pequena ou nenhuma qualificação. Não necessitando de especialização, os indivíduos podem passar sem dificuldades de uma a outra ocupação. Assim, a fluidez no emprego é muito grande.

Focalizou-se também o lazer. Este pode ser entendido como o estado de estar livre, por algum tempo, da necessidade de trabalhar e é influenciado pela classe ou condição social do indivíduo, apesar de hoje em dia haver uma espécie de massificação do lazer. Fatores demográficos e geográficos influenciam sem dúvida o tipo e o nível de demanda de locais de lazer, pois, segundo Parker,¹⁰ o lazer é a área da vida onde é possível fazer escolhas mais ou menos livres; assim sendo, elas refletem os estágios que a busca de uma identidade desejável atingiu em pessoas ou grupos. Ressaltem-se, no entanto, as limitações econômicas impedindo a livre escolha.

4 — RESULTADOS DA PESQUISA

Os dados obtidos na pesquisa demonstraram que, apesar da homogeneidade quanto à escolaridade, as clientela das três escolas pes-

quisadas podem se apresentar diferenciadas não só no que se refere à própria composição e estrutura das “populações” (sexo, idade, procedência), como também a aspectos relativos à característica e local de moradia, atividade profissional, atividade de lazer e, em consequência, naquilo que se refere ao “espaço vivido” de cada um. O “espaço vivido” corresponde, aqui, ao entrosamento entre os locais de moradia e atividades (escolar e profissional), expandidos pelos locais de lazer, àqueles que são visitados por ocasião de férias e visitas a familiares e, algumas vezes, àqueles de onde os indivíduos procedem.

4.1 — A distribuição por sexo e idade

Já foi visto que, além da classe social, outras variáveis como a faixa etária e o sexo contribuem para modificar também a escala espacial dos indivíduos. Se aqui foi considerado como pressuposto inicial uma certa similitude no que diz respeito à classe social — classe média baixa e classe baixa — devido à recorrência ao ensino supletivo, uma rápida análise das faixas etárias e da relação entre os sexos das clientela das três escolas do supletivo será de grande valia, pois elas poderão ou não modificar a escala espacial.

O intervalo etário de 14 a 25 anos parece deter nas escolas do supletivo da rede oficial o maior percentual dos alunos. Em duas escolas da presente pesquisa, o percentual referente a esse intervalo é bem alto: em Ipanema encontrou-se 80,09% e na escola da Penha 83,83%; na escola de Cosmos somente 66,67%. Dados obtidos em pesquisas realizadas na mesma época pela autora, em outras escolas, registraram também valores elevados para aquele

¹⁰ Parker, Stanley — *A Sociologia do Lazer*, p. 56.

intervalo etário: no Catete-Laranjeiras¹¹ 81,82%, no Méier 83,34%, em Marechal Hermes 78,88%. Daí se delineia um padrão de clientela um pouco diferente na escola de Cosmos, justificada talvez pela sua posição mais interiorizada em relação ao município.

A média das idades dos alunos reforça a situação da escola de Cosmos como abrigando alunos "mais velhos". Mas o coeficiente de variação, acusando também para a escola de Cosmos maior dispersão dos valores em torno da média, faz concluir sobre a presença de alunos em idades bem contrastantes nos dois extremos.

LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA	\bar{X}	C.V.
Ipanema.....	21,49	28,30
Penha.....	20,50	26,68
Cosmos.....	24,33	46,43

Ao se analisarem as diferentes faixas etárias *a priori* escolhidas (14/17 anos, 18/20 anos, 21/25 anos, 26/30 anos, 31/40 anos e mais de 40 anos), a escola de Cosmos juntamente com a da Penha surge com elevados percentuais na faixa etária de 14/17 anos, 39,71% e 41,68%, respectivamente (essa é justamente a faixa de maior percentual nessas escolas). Na escola situada em Ipanema o panorama é um pouco diferente, visto o maior percentual caber à faixa 18/20, cerca de 34,33%, o que leva a pensar que em Ipanema a maior parte da clientela já deve ter ingressado no mercado de trabalho. Os dados confirmam: somente 14,92% dos alunos não trabalham. Interessante se torna compará-los com os das outras duas escolas: Penha, 32,35% e Cosmos, 36,66%.

Outra constatação, à primeira vista bastante simples, mas que diferencia as clientelas desses três espaços, é a relação entre os sexos masculino e feminino, na razão de 33/34 na escola de Ipanema; na escola da Penha foi constatada marcante predominância do sexo masculino, numa proporção de 41/27; situação inversa ocorre em Cosmos, sendo bem atenuada porém a predominância do sexo feminino, 32/28.

É interessante observar que, nas três escolas, na faixa de alunos mais jovens, 14/17 anos, a predominância cabe ao sexo masculino. Este fato leva a pensar que os rapazes penetram mais cedo no mercado de trabalho, quando então se transferem para o curso noturno.

Caso se verifique a idade do ingresso no mercado de trabalho, distinguindo os sexos, constata-se o ingresso mais tardio do sexo feminino nas escolas da Zona Norte. Isto, de certa forma, reforça o que foi dito das moças da Zona Norte permanecerem durante um prazo de tempo maior no curso diurno quando comparadas aos rapazes.

LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA	MÉDIA DA IDADE DE INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO	
	Sexo Masculino	Sexo Feminino
Ipanema.....	15,11	13,82
Penha.....	14,65	15,42
Cosmos.....	13,77	17,29

Em se tratando de uma associação entre faixa etária e relação entre os sexos, alguns casos merecem ser ressaltados: a situação da

¹¹ Embora sejam dois prédios distantes cerca de 2 ou 3 km, a direção da escola é única.

escola de Cosmos na qual 25% dos alunos têm idade superior a 30 anos, sendo que 15% dos alunos pesquisados estão incluídos na faixa etária superior a 40 anos e todos estes do sexo feminino. Somente à guisa de comparação, nas escolas de Ipanema e Penha, nessa faixa etária estão 2,99% e 1,47% dos alunos, respectivamente.

A escola localizada em Ipanema é a que apresenta o maior percentual de alunos no intervalo de 21 a 30 anos, com predomínio do sexo feminino na razão de 6/16. Esta mesma situação foi constatada em duas outras escolas da Zona Sul: uma no Catete e outra em Laranjeiras, nas quais foi realizada idêntica pesquisa. Este fato talvez possa ser relacionado à existência de muitas domésticas nas escolas da Zona Sul. A demanda grande por aquele tipo de serviço, que não necessita nenhuma qualificação relacionada ao nível de escolaridade, faz com que nas escolas da Zona Sul, onde o nível de renda da população residente é mais elevado, sejam encontradas alunas desempenhando tal atividade. Acresce-se o fato de muitas moças migrantes, sozinhas na cidade grande, optarem por trabalharem em "casas de família". Segundo estudiosos do mercado de trabalho essa ("empregada doméstica") é uma das maneiras que tem a economia doméstica de se integrar à economia urbana de mercado — mão-de-obra assalariada para a produção não mercantil de bens e serviços no âmbito doméstico das famílias de alta renda.

Em se tratando de migrantes, convém ressaltar que na escola localizada em Ipanema, no que se refere à proporção de migrantes/não migrantes¹² entre o sexo feminino na faixa 14/30 anos, tem-se 25 migrantes dentre um total de 31. Convém abrir aqui um parên-

tese no intuito de confirmar tal fato com dados obtidos em duas outras escolas da Zona Sul e já aqui citadas: — Catete — 31 dentre 38, Laranjeiras — 14 dentre 22.

Outras alunas ainda, pertencentes a famílias de renda muito baixas, naturais do Município do Rio de Janeiro ou não, procuram o trabalho doméstico justamente por lhes permitir continuar seus estudos, em alguns casos até mesmo iniciá-los, e também porque ficam excluídos os gastos com transportes, bem elevados por sinal, uma vez que o espaço de moradia dos mais carentes financeiramente encontra-se distanciado, muitas vezes, do Centro, no próprio Município do Rio de Janeiro ou em outros municípios localizados na periferia.

Verifica-se, assim, certa influência do espaço de localização das escolas na distribuição dos sexos e faixas etárias das clientela das escolas do supletivo: Cosmos, com um panorama bem heterogêneo quanto às faixas etárias e com discreta predominância do sexo feminino, estando estas principalmente entre as idades mais elevadas; Penha, com maior homogeneidade quanto às idades e marcante predomínio do sexo masculino (situação idêntica foi observada numa outra escola da Zona Norte — no Méier, em pesquisa idêntica realizada na mesma época); Ipanema, numa situação de certa forma intermediária entre as duas.

Outras variáveis apresentam alterações significativas segundo o espaço de localização da escola: a proporção de migrantes e, no caso do aluno ser migrante, o local de procedência e a época em que se deu a migração. Grande número dos alunos do supletivo é proveniente de outros municípios do próprio Estado do Rio de Janeiro, de outros estados, de outras regiões.

¹² Os migrantes são todos aqueles não nascidos no Município do Rio de Janeiro.

O quadro a seguir permite uma idéia da proporção de migrantes na "população" aqui analisada. Como se percebe, a proporção entre migrantes/não migrantes varia de acordo com a localização da escola, sendo a da Zona Sul, Ipanema, a que concentra um percentual mais elevado. Essa variação percentual dos migrantes de acordo com o espaço de localização da escola pode ser explicada, pelo menos em parte, pela preferência de muitos, principalmente os que migram sozinhos e com idade maior (adolescentes e adultos), de se localizarem em certas áreas de maior acessibilidade aos locais onde a demanda de "serviços" seja grande. Outras áreas somente são procuradas depois, quase sempre numa opção da melhoria da qualidade de vida.

Entre os migrantes predominam os do sexo feminino, fato este mais significativo na escola da Zona Sul. Isto devido ao grande número de moças que trabalham como domésticas em residências da Zona Sul, dada a pequena qualificação de que são portadoras ao chegarem à cidade grande.

Embora a proporção dos migrantes vindos de cidades seja mais elevada, um número também razoável de migrantes engrossou o que se convencionou chamar de

êxodo rural. Se os primeiros, vindos de zona urbana, são portadores de baixo grau de escolaridade, muito mais aqueles provenientes da zona rural.

Apesar de ser elevado nas três escolas analisadas o percentual dos que abandonaram suas regiões de origem com mais de 10 anos de idade, observa-se uma distinção de certa forma nítida entre a escola de Ipanema e as da Penha e Cosmos (Ipanema 78,03% dos alunos migrantes deixaram suas regiões com mais de 10 anos de idade; Penha 58,10% e Cosmos 55,55%).

4.2 — O "espaço vivido"

Os diferentes locais onde se desenvolve a vida de cada um através do deslocamento espacial diário e semanal, acrescidos daqueles outros espaços aos quais os pesquisados se encontram estrutural e efetivamente presos, permitem uma idéia do verdadeiro espaço de cada um. Interessa-nos saber quais as similitudes e diferenças que podem ser detectadas no que se refere ao "espaço vivido" das clientelas das três escolas, dado o fato de estarem localizados em espaços concretos bem diferenciados do Município do Rio de Janeiro.

Pelos dados obtidos na pesquisa e relativos ao local de residência

LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA	FAIXA ETÁRIA POR OCASIÃO DA MIGRAÇÃO					% DE ALUNOS MIGRANTES EM RELAÇÃO TOTAL DE ALUNOS
	0-10 anos	11-20 anos	Mais de 20 anos	Idade Não Declarada	Total	
Ipanema.....	9	24	5	3	41	61,19
Penha.....	11	7	2	4	23	36,76
Cosmos.....	8	6	4	0	18	38,33

dos alunos das três escolas, percebe-se claramente que a grande maioria dos alunos estuda próximo à residência ou, pelo menos, em local de fácil acesso a ela, o que, em outras palavras, significa dizer que cada escola atrai a clientela localizada em um espaço mais próximo a ela. Em nossa sociedade não é tanto a distância a um determinado lugar em termos de quilômetros que um indivíduo sente necessidade de medir, mas principalmente a acessibilidade àquele mesmo local. Ressalta-se que a boa acessibilidade entre a escola e a residência para quem estuda em horário noturno é fator de capital importância, principalmente considerando-se que a grande maioria dos que trabalham o faz em regime de tempo integral. Os próprios interessados estão perfeitamente conscientes deste fato — quando inquiridos diretamente sobre o “porquê” da escolha do colégio que freqüentam, foram muitos os que responderam formalmente terem optado por tal estabelecimento escolar e não por outro qualquer da rede estadual, por achar-se o mesmo próximo ao local de sua residência, valorização, por conseguinte, da acessibilidade residência-escola. Em termos percentuais os resultados desta valorização foram: Ipanema 41%; Penha 39% e Cosmos 63%. Tais resultados levam a supor que, em Cosmos, a valorização desta proximidade é mais acentuada devido, talvez, às maiores dificuldades no que se refere à acessibilidade.

Ao se analisarem os dados relativos ao local da residência em Ipanema, constata-se que cerca de 52% dos alunos residem ou no Leblon ou em Ipanema, o que significa mais da metade dos alunos residindo muito próximo à escola. Outros bairros da Zona Sul, Copacabana, Jardim Botânico, Lagoa, Botafogo, embora com percentual menor cada um, congregam juntos um número expressivo de alunos

(neles incluídos aqueles que declararam especificamente a Rocinha e o Vid'gal, duas favelas da Zona Sul). Apesar disto, na escola de Ipanema encontram-se ainda alunos residindo em lugares muito distantes do local da escola, como em Senador Camará, Vista Alegre, Realengo, Santa Teresa, São João de Meriti, Santíssimo, Jacarepaguá. Ali estudam por trabalharem na Zona Sul. Neste particular, já se nota uma diferença entre Ipanema e as escolas localizadas na Zona Norte incluídas na pesquisa: nestas é muito mais reduzido o número de alunos residindo em espaços diametralmente opostos ao local da escola.

Também nas escolas da Zona Norte os alunos estudam próximo à residência; constatou-se ainda que esta tendência é mais acentuada na escola de Cosmos, cujos alunos, em esmagadora maioria — 77,2% do total — pertencem à própria localidade de Cosmos, confirmando a valorização anteriormente especificada. Os demais provêm de Inhoaíba, Campo Grande e Paciência, locais de fácil acesso a Cosmos, uma vez que dez minutos de trem, no máximo, são suficientes para o deslocamento entre Cosmos e essas localidades. A existência somente do 1.º estágio do 1.º grau (fases I, II, III, IV) nas escolas oficiais noturnas de Inhoaíba e Paciência justifica cabalmente por parte dos alunos a eleição de Cosmos para ali efetuarem seus estudos. Observa-se em Cosmos uma preferência ou “injunção” mesmo pela maior proximidade entre o espaço-moradia e o espaço da atividade escolar.

Na escola localizada na Penha estudam alunos residentes principalmente na própria Penha e Vila da Penha, que perfazem cerca de 43,54% dos alunos. Outros espaços, bastante próximos à escola, como Penha Circular, Olaria, Brás de Pina, oferecem também um número este que vai diminuindo pro-

gressivamente com o aumentar da distância à escola.

Com conclusão parcial da associação espaço de residência—espaço de atividade escolar pode-se afirmar que existe, para a grande maioria dos pesquisados, uma superposição dos dois espaços, sendo esta mais acentuada em Cosmos. Em Ipanema, dado o fato de existirem entre as alunas muitas “domésticas”, dá-se um fato interessante: a superposição do espaço escola—espaço moradia ainda é reforçada com o espaço da atividade profissional. Quando a superposição espaço de moradia—espaço da atividade escolar não acontece, a variável que passa a intervir é o local onde os mesmos desempenham sua atividade profissional. Isto porque existem aqueles que, dada a grande distância entre o local de residência e o local de trabalho, não têm outra alternativa senão estudar próximo a este último, devido ao pequeno intervalo de tempo entre o término do horário profissional e o início do horário escolar.

Pelos resultados obtidos na pesquisa, julga-se não haver dependência estreita entre o espaço de “atividade profissional” e o espaço de “moradia”, apesar de um grande número de alunos trabalhar próximo ao local da escola e, por extensão, ao da residência. Afirma-se isso com base no que explicitaram a respeito do emprego em que se encontram. Neste particular, outros fatores intervenientes tomam a primazia, entre eles a dificuldade não só da inserção no mercado de trabalho mas também da permanência no mesmo.

Já foi referido que quando se trata da inserção no mercado de trabalho é bastante conhecida a força do círculo dos conhecidos, amigos, familiares. O primeiro emprego, de modo especial, costuma ser por eles “arranjado” (muitos dos pesquisados encontram-se

nessa situação). Pode ocorrer de se localizar próximo à residência e pode ocorrer o contrário. Naquela época a opção é pequena, dado o baixo nível de qualificação do candidato ao emprego. Merece um comentário à parte um fato observado entre os alunos migrantes e que confirma cabalmente a afirmativa anterior: grande parte dos que chegam ao Rio de Janeiro trazidos por famílias conhecidas, parentes, deve a eles sua inserção no mercado de trabalho, muitas vezes de uma maneira não formal. No caso do elemento feminino, eles, frequentemente, as colocam como domésticas.

Analisando-se, através das três escolas, os alunos que trabalham próximo à residência, verifica-se que este fato é melhor percebido na escola de Ipanema, onde a esmagadora maioria dos alunos se acha empregada no setor terciário, principalmente no de serviços. Na Zona Norte o panorama é outro: os locais de trabalho são mais diversificados, como também o setor da economia em que estão inseridos no mercado de trabalho. Assim, bastante significativo é o número de alunos da escola da Penha empregados no setor secundário, 33,33% dos que trabalham (em pesquisas idênticas realizadas em outras escolas da Zona Norte, Méier e Marechal Hermes, foram encontrados percentuais muito parecidos: 30,30% e 33,33%, respectivamente). Na escola da Zona Sul, Ipanema, a esmagadora maioria dos alunos está inserida no setor terciário. Embora nas escolas da Zona Norte também seja predominante a atividade terciária, viu-se que o setor secundário congrega um número representativo de alunos, exclusão feita a Cosmos. Observa-se, no entanto, que varia bastante, no âmbito do setor terciário, a relação entre os empregados nos serviços e no comércio, numa proporção de 2,8 para Ipanema, 1,8 para Penha e de 12,5 para Cosmos.

Estas diferenças podem ser compreendidas à luz da caracterização desses diferentes espaços da cidade. Ipanema, assim como outros bairros da orla oceânica, apresenta uma fisionomia própria que, sem dúvida, os distingue dentro da metrópole. Se em Ipanema se encontra, com grande vigor, as características urbanas modernas, como a alta densidade demográfica, o quase total preenchimento dos espaços ocupáveis, ao lado de um intenso crescimento vertical e a totalidade de melhoramentos e serviços urbanos, como conciliar com tudo isso a existência de cursos supletivos? A existência de uma classe de maiores recursos conduz à exigência de elevada percentagem de população para servi-la. Deste modo, torna-se um bairro de composição social heterogênea, surgindo elementos de várias camadas sociais. Isto explica um grande número dos alunos pesquisados residirem em favelas, conjuntos habitacionais, além dos que moram no próprio emprego.

Penha, subúrbio da Leopoldina, além de contar com o transporte ferroviário, dispõe também das facilidades do transporte rodoviário que através da Avenida Brasil a põe em contacto com a área central e através de numerosos viadutos a interliga a outros bairros-subúrbios da Zona Norte. Local de moradia de numerosa população, na maioria pertencente à classe de renda familiar mais reduzida, os cursos supletivos ali se revestem de outra conotação. São procurados, entre outros, por numerosos jovens que se transferem do diurno para o noturno a fim de trabalharem, com a finalidade de aumentar a renda familiar. Não se observa ali, entre os alunos, a presença de "domésticas". Sua posição relativamente acessível a diversas áreas industriais do Estado — Jacaré, Jacarezinho, São Cristóvão, Vicente de Carvalho ... e ao próprio Centro —, faz com que se encontre entre

a clientela do supletivo ali pesquisado um número expressivo de industriários, como já foi visto. A Penha e subúrbios vizinhos com numerosas lojas e escritórios congrega também um número razoável de empregados, entre os quais se encaixam alguns dos alunos pesquisados.

Cosmos, integrante da Região Administrativa de Campo Grande e dele dependente à guisa de um verdadeiro distrito, guarda muito ainda de um espaço que até há pouco se achava inserido em um contexto agrícola. Hoje, Campo Grande e adjacências, como Cosmos e Inhoaíba, constituem-se em uma área de expansão da cidade propriamente dita. Cosmos, que até o início da década dos 40 ainda se voltava exclusivamente para o gado e para a lavoura da laranja, foi tomada pelos loteamentos. Uma grande transformação se vem processando em decorrência do crescimento urbano. Assim, o "espaço" de Cosmos diferencia-se ainda bastante dos outros dois vistos anteriormente.

Tentando complementar o "espaço vivido" do universo pesquisado, procurou-se analisar o espaço de lazer de cada um, verificando a existência ou não de conexão entre este espaço, o de lazer e aqueles outros já analisados, quais sejam o da moradia e o das atividades, aqui desdobradas em profissional e escolar.

Teoricamente, na esfera do lazer pode haver opções por determinados espaços, uma vez que nessa área, como já foi visto, é possível fazer escolhas mais ou menos livres, refletindo assim estágios que a busca de uma identidade desejável atingiu em pessoas ou grupos. Mas, na realidade, algo interfere e não é bem isso o que acontece. Os dados obtidos nos questionários acusam que, salvo casos esporádicos, a "pressão" financeira é verdadeiro freio a qualquer tenta-

tiva de dilatação de espaço no campo do lazer.¹³

Assim, através da pesquisa percebe-se que a população analisada diverte-se, em geral, em locais relativamente próximos à residência, nos subcentros mais próximos, onde as ofertas de lazer são maiores; quando não se deslocam a pé, servem-se dos transportes coletivos, ônibus e trem (alguns poucos declararam utilizar também o carro).

Partindo dos diferentes espaços onde as observações foram centralizadas, constatou-se que quem tem em Cosmos o seu espaço de atividade escolar (e a grande maioria ali reside), quando se diverte o faz na própria localidade de Cosmos ou em Campo Grande, o que não causa surpresa, dado o porte deste subcentro. Barra de Guaratiba, Santa Cruz e Bangu surgem esporadicamente. Os que se encontram na Penha declararam se divertir na própria Penha e em Olaria, esporadicamente Bonsucesso, Campo Grande, Jardim América, Ilha do Governador. Os alunos da escola localizada em Ipanema, mas já nos limites com o Leblon, encontram neste último sua área preferida de lazer, surgindo outros bairros da Zona Sul, como Jardim Botânico, Ipanema e Botafogo. Verificou-se portanto, que geralmente há uma superposição do espaço de lazer com o bairro de moradia. É preciso ressaltar que na escola de Ipanema foram especificados subúrbios e áreas da periferia (Nilópolis, Austin, Osvaldo Cruz, Penha) como locais de lazer. Associando-se com

o que já foi visto sobre a presença de muitas “domésticas” entre os alunos da escola de Ipanema, compreende-se que, embora morando e trabalhando em determinadas áreas da cidade, divertem-se em outras bem distantes, geralmente local de residência de alguma pessoa da família.

5 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisados os quatro itens em que se subdividiu o “espaço vivido” pode-se concluir que na maioria dos casos existe uma superposição de três espaços: o residencial, o escolar e o de lazer. Algumas vezes a esses vem se superpor o espaço da atividade profissional. Mas convém ressaltar a maior valorização que é atribuída à proximidade entre os espaços de residência e de atividade escolar. Embora tal fato tenha sido constatado em todas as escolas analisadas, o foi com ênfase maior na escola de Cosmos, dado o grande número de alunos que não trabalha e também devido à própria posição excêntrica de Cosmos em relação ao município. Em Cosmos, que alia infra-estrutura social mais deficiente, acessibilidade menor, menores possibilidades de emprego junto ao local de residência, tem-se o uso mais intenso de um espaço desprovido de boa infra-estrutura social. A pequena disponibilidade financeira, restringindo os deslocamentos de lazer, faz com que o espaço deste, na maioria das vezes, se superpo-

¹³ A população focalizada, portadora de baixo nível de instrução, caracteriza-se, em sua maior parte, pelo desempenho de tarefas de pequena ou nula especialização e, sendo assim, de baixa remuneração, salvo alguns casos esporádicos. A faixa salarial na qual está concentrado o maior número de alunos que trabalham, em todos os três espaços, é a que corresponde às remunerações entre Cr\$ 2.500,00 e Cr\$ 4.500,00, o que significa de 1,1 a 2 salários mínimos (a pesquisa foi realizada em outubro de 1979, quando o salário mínimo era de Cr\$ 2.268,00).

Mas atente-se para o seguinte fato: salvo em Ipanema, o número de alunos que ganham até Cr\$ 2.500,00 não se distancia muito daqueles que ganham mais de Cr\$ 2.500,00 a Cr\$ 4.500,00. Assim, em Ipanema, 16 alunos recebiam até Cr\$ 2.500,00, enquanto 28 recebiam quantias compreendidas entre Cr\$ 2.500,00 e Cr\$ 4.500,00; na Penha, 15 alunos na primeira faixa e 18 na segunda e, em Cosmos, 8 na primeira e 13 na segunda.

nha ao da residência. Não apenas o espaço realmente vivido é restrito, mas dotado de infra-estrutura social precária.

A população da escola de Ipanema, especialmente quando se dá a superposição dos espaços de moradia, de atividade escolar, de atividade profissional, goza de vantagens. Não se trata apenas de um local de residência das classes sociais mais altas, mais beneficiado, portanto, por infra-estrutura social e por “amenidades”, mas o menor tempo de deslocamento entre o morar, o trabalhar e o estudar permite um usufruir do espaço vivido; ressaltam-se ainda as menores despesas com o deslocamento residência-trabalho e maiores possibilidades de deslocamento de lazer. Dá-se, portanto, uma ampliação do espaço vivido — um espaço vivido menos restrito e de melhor qualidade. Mas, em contrapartida, há maior instabilidade do emprego e da própria moradia. Alguns dos que “moram” na casa onde trabalham “fogem” para o lazer em locais distantes, nos subúrbios ou na periferia.

Constatou-se também que, de modo geral, dependendo da faixa etária, existe maior coincidência do espaço de moradia com o espaço de atividade profissional, de lazer. Os mais jovens, muitos dos quais não trabalham, segundo seus “discursos”, divertem-se no próprio

bairro e muitas vezes na própria rua onde moram.

Às vezes a escala espacial do aluno se modifica — modifica-se o significado do espaço, passando de contínuo a descontínuo. Neste caso se incluem os que trabalham distante do local de residência, entre o espaço de moradia e o espaço da atividade profissional, um outro espaço não claramente percebido. O espaço percorrido, embora possa, a rigor, ser considerado como espaço vivido, não é realmente usufruído.

Conforme a atividade que o indivíduo desempenha, pode o espaço “profissional” revestir-se também de significados diferentes: seu conhecimento pode simplesmente se dar através do estabelecimento em que o indivíduo trabalha (caso, por exemplo, de um industriário); pode também, a partir do local onde o indivíduo trabalha, toda uma ampla circunvizinhança passar a ser vivida.

Embora possa ser diferente em cada espaço analisado a composição da clientela das escolas no que toca à idade, sexo, procedência, atividade profissional, percebe-se um fator de certa forma igualando a toda ou, pelo menos, a grande maioria: a pressão das dificuldades financeiras. Estas se refletem no “espaço vivido”, limitando-o para a maioria dos pesquisados.

BIBLIOGRAFIA

- GERMAN, Samper. *Melhoria para a Qualidade de Vida nas Favelas Urbanas*, in Simpósio sobre Desenvolvimento Urbano. B. N. H., Rio de Janeiro, 1974; p. 63/68.
- GEORGE, Pierre. *Sociologia e Geografia* — 1.^a ed. Comp. Editora Forense, Rio de Janeiro, 1969; 202 p.
- KOWARICK, Lucio. *Capitalismo e Marginalidade na América Latina* — 2.^a ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977, 188 p.
- MATA, Milton da. Concentração de Renda, Desemprego e Pobreza no Brasil: Análise de uma Amostra de Municípios em 1970; IPEA/INPES. *Relatório de Pesquisas n.º 41*, Rio de Janeiro, 1979, 172 p.
- PARKER, Stanley. *A Sociologia do Lazer*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978; 184 p.
- SANTOS, Milton. *O Espaço Dividido: os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos*. Livraria Francisco Alves S/A, Rio de Janeiro, 1979; 345 p.
- . *Por uma nova Geografia: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica* Editora Hucitec/Edit. da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978; 236 p.
- TOLOSA, Hamilton C. Dimensões e Causas da Pobreza Urbana in *Dimensões do Desenvolvimento Brasileiro — Contribuições em Economia 3*. Edit. Campus Ltda., Rio de Janeiro, 1978 (coord. Baer, Werner; Geiger, Pedro Pinchas e Haddad, Paulo Roberto).